



# Relevo

PARANÁ - ABRIL DE 2015 - EDIÇÃO XI - ANO V

- Paulo Vallim* O Coração do Cruzeiro do Sul **05**
- Virgínia Kleemann* Galopados **07**
- Natan Schäfer* Semiautomático **13**
- Marianna Moraes Faria* Menos, por favor **15**
- Renato Rezende* Poesia Brasileira Contemporânea – Crítica e Política (trecho) **17**
- Rafael Walter* **21**
- Marco Aurélio de Souza* **23**
- Liber Paz* Gente Feliz **26**
- Daniel Zanella* Cenas Urbanas **29**
- Daniel Osiecki* Terra Incógnita **31**
- 06** Os OSSOS *Daniel Mazza*
- 10** Her e As Ficções Homogêneas – ensaio em narrativa capitalista, gênero e cinema *Rubens Akira Kuana*
- 14** Apreensão *Igor Zanoni C. Leão*
- 16** Agora que sou escritor *Mateus Ribeirete*
- 20** Ana *Luiz Abdala Jr.*
- 22** Sérgio Monteiro de Almeida
- 24** Rio *Flavio Gomes*
- 28** Obscenidade Digital
- 30** Cinerário *Ademir Demarchi*
- 32** moldagem / sus\_peitos *Líria Porto*

## Expediente

Fundado em setembro de 2010.

**Editor** Daniel Zanella **Editor-Assistente** Ricardo Pozzo **Revisão** Mateus Ribeirete **Ombudsman** Carla Dias **Projeto Gráfico** Marceli Mengarda **Impressão** Gráfica Exceuni **Tiragem** 3000.

Edição finalizada em 9 de abril de 2015.

## Ilustrações

Todas as ilustrações dessa edição são de autoria do Anderson Resende – [andersoncrinsoluvel.blogspot.com/](http://andersoncrinsoluvel.blogspot.com/)

Os anúncios da p.8 foram ilustrados por Fábio Tokumoto e Carol Zanelatto, e os da p.9 são do Alan Amorim – [behance.net/alanamorim](http://behance.net/alanamorim)

## Contato

@ [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)

 /jornalrelevo

 /jornal.relevo

# Editorial

Aos poucos, o **RelevO** vai trilhando um certo caminho, rumo a um lugar que esperamos ser quentinho e lubrificado. Em março, lançamos nossa newsletter, a Enclave, um apanhado semanal de impressões sobre artes (no que o termo pode carregar de mais amplo e alegórico). Direcionada aos nossos assinantes e editada por Mateus Ribeirete e Lucas Leite, ela busca cobrir uma lacuna relacional, já que somos um impresso mensal, com dez dias úteis entre preparação, divulgação e distribuição – nos outros vinte dias mexemos no exoesqueleto.

Em breve faremos um zine contando a história do periódico. O objetivo é, de tempos em tempos, ter conteúdos editoriais alternativos para enviar aos assinantes, nossa principal base de sustentação. E precisamos permanentemente encontrar novos assinantes.

Em linhas gerais, estamos buscando um jeito de conseguir longevidade em nosso meio literário sem exatamente ir ao encontro de saídas mais convencionais, digamos. Esperamos que você entenda caso não chegemos a lugar nenhum – cada mês é uma turnê de força peculiar, às vezes parece que simplesmente não vai dar.

Há quase cinco anos parece que não vai dar. Talvez até exista um charme na falta de recursos e em nossa incapacidade de garantir que estaremos aqui, no mês seguinte, de forma impreterível – não existe charme algum. Mas gostamos de achar que sim. Contamos com você também nesse processo, embora você não seja obrigado, não.

Uma boa leitura a todos.

## PRESTAÇÃO DE CONTAS DE MARÇO DE 2015

### Anunciantes

**R\$ 30** – Banca da Aracy, Nova Mania (total R\$ 60). **R\$ 50** – Lotérica Avenida; Avon; Fisk; Joaquim; Água na Boca; Torto Bar (total R\$ 300). **R\$ 100** – Allejo. **R\$ 200** – Exato.

### Assinantes

**R\$ 50** – Guylherme Custódio; Thomaz Ramalho; Matheus Chequim; Rafael Zaina; Lis Claudia Ferreira; José Roberto Amarante; Paulo Vallim; Daniel Osiecki; Alexandre Madruga; Jacqueline Kobiyama; Henrique Neves; Janete Garcia; Ladier Spercowski; Robert Magni; Dagmar Spring (total R\$ 750). **R\$ 100** – Consolação Buzelin; Katia Brembatti (total R\$ 200).

### Despesas

Assinaturas **R\$ 310** / Distribuição **R\$ 100** / Impressão **R\$ 1.090**

Receita **R\$ 1.610**

Custo total **R\$1.500**

Balanço **R\$ 110**

# Cartas do Leitor

THE QUEEN

Sobre o jornal e as ilustrações. Além de leitor do **RelevO**, faço ilustrações, tenho interesse em contribuir com o jornal e divulgar meu trabalho. Não sei como é feita a escolha ou seleção das imagens que vão para cada edição, por isso pergunto.

**Pedro Furlan**

*Da redação: a parte gráfica do jornal fica nas mãos da Marceli Mengarda, nossa diagramadora, musa e responsável pela captação de recursos por meio de seus dotes físicos.*

TESTE DE PERSONALITÉ

Minhas gargalhadas, incompreendidas em uma carona para o trabalho, por causa do Teste de Personalidade deste mês. Amei. Também gostei das Cartas do Leitor.

**Isabelle Kolb**

SIM!!!

Vocês enviam pra Piracicaba? Conheci o jornal através do Andrey, que ilustrou a última edição, e achei simplesmente animal!

**Rafael Zaina Gonçalves**

ENCLAVE

Reforço: na próxima edição física do RelevO vocês devem entregar um sachê da mistura que vai no café do responsável pela Enclave.

É por uma causa nobre!

**Walter Bach**

10

Acabei de ler a edição de março. Destaque para crônica de Juliana Cunha.

Gostei muito.

**Wilson Chales**

UÉ?

Tenho interesse em assinar o jornal, mas um amigo diz que às vezes atrasa a entrega do exemplar dele, o que me parece meio chato. É verdade?

**Roger Santos**

*Da Redação: É mentira.*

## Ombudsman

# Carla Dias

### *O fazer cultural e a apreciação de suas crias*

Espero que nesta edição estejam todos bem. Direitos garantidos, deveres em dia, percepção afiada e afinada com os fatos. O mundo anda meio complicado, mas vamos descomplicar o que for possível, que leveza nunca é demais e ainda colabora para que observemos a vida com mais cuidado e respeito.

Lendo o editorial da edição de março do **RelevO**, identifiquei-me com a posição de se fazer o que se faz bem, como este jornal, sem comprometer conteúdo. Tarefa árdua, porém gratificante.

Quem lida com o fazer cultural sabe: captação de recursos é trabalho hercúleo. E se o criador do projeto prezar pela sua originalidade, muito do que o torna singular pode se perder durante o processo de adequação à necessidade do mercado. Necessidade que nós mesmos criamos, ou seja, temos o poder de mudar o rumo dessa prosa, melhorar até mesmo o que nos parece impossível de ser melhorado.

Tem sido cada vez mais frequente que adaptações feitas para que projetos culturais se encaixem no perfil de seus patrocinadores acabem em devastadoras transformações, descaracterizando o que seria a essência do projeto. Para que aquele projeto que você ama sobreviva, é preciso amá-lo na prática. Compre os livros e os discos, vá aos shows e espetáculos teatrais, assine os jornais. Ame os projetos culturais que lhe apeteçam. Somente assim é possível se manter a diversidade cultural e a originalidade do que resulta deles, seja um livro, um disco, um espetáculo teatral ou um jornal literário, entre outras tantas opções.

Antes de falar sobre a edição passada, quero dizer que há quem reivindique reportagens sobre literatura no periódico. Seria ótimo se elas fossem integradas

ao jornal, mas não ao custo de termos menos páginas com obras literárias. Ler sobre literatura é importante, mas não tanto quanto ler literatura. Acho válido se forem incluídas páginas extras no **RelevO** para tal fim, mantendo o espaço atual para os escritores terem suas obras publicadas e os leitores aproveitarem a leitura.

Outra questão é a falta de material fotográfico. Particularmente, adoro pegar emprestadas obras de amigos fotógrafos e artistas plásticos para ilustrar os meus textos. Considerando não somente o meu gosto, mas o que de positivo isso pode trazer ao impresso, temos visto notáveis obras de artistas diversos ilustrando o jornal. Incluir material fotográfico me parece natural e, definitivamente, interessante.

Voltando à edição passada do **RelevO**, tenho de admitir que ela me surpreendeu muito e positivamente. Cristiano Castilho me ganhou com seu “Bogotá, dia 2”. O tom de diário de viagem, a crônica relatando a descoberta de lugares e pessoas, é sempre muito atraente, quando bem construída. “Amanhã farei um passeio de bicicleta com uma mexicana e uma ucraniana que moram na Alemanha.”

Em contrapartida à pluralidade do texto de Castilho, Aline Valek direciona suas palavras a um único lugar. Em “Minha Ex”, a autora acerta ao falar sobre Brasília – onde viveu e de onde partiu – como se a cidade fosse sua ex, dando às memórias geográficas o mesmo tom das memórias afetivas. “Uma timeline plana, uma vida de uma nota só.” A conversa que a autora trava com a cidade torna agradável a leitura sobre voltar a um lugar que se julgava conhecer, para então descobrir que não o conhecia tão bem assim. O tipo de armadilha na qual costumamos cair, frequentemente, quando se trata dos nossos relacionamentos pessoais.

“Entre as Coisas” é um apreciável texto de Juliana Cunha sobre espaços necessários entre assuntos, pessoas e coisas importantes a se fazer. O respiro, o lugar onde devemos gastar o tempo ao nosso gosto.

Daniel Zanella, agora terei de assistir ao “Koyaanis-qatsi”. Seu texto me convenceu, e ainda me deixou pensando sobre “... chuva discreta, que começa a escorrer nos vidros” e a música de Philip Glass.

A poesia também teve destaque. Porém, antes da poesia em si, há aquela boa mistura de prosa e poesia. “Destinatário”, de Flora Rocha, tem cadência e essência. Remeteu-me à lindeza dessa combinação que permite a nossa imaginação preencher as lacunas da realidade. “Anoiteceu inverno. A ventania uivava e as cortinas dançavam temor. Tomou um gole e inventou de enfrentar o vento.”

Edu Hoffman poderia inspirar quadros: “desembrulho cada palavra/feito bala/na agulha”. Davi Kinski demonstra intimidade com as palavras. Seu poema é para se ler e reler, que ali há uma variedade de matizes. Definitivamente, lerei outros poemas de sua autoria, que fiquei poeticamente curiosa. “Eu me dissolvo antes do fim/Eu pulo do trampolim/Para a cidade/For Sale.”

Aprecio o fazer poético de Cel Bentin. Gosto de como ele brinca com as palavras, criando espaço para que a imaginação do leitor se embrenhe nas sutilezas de sua poesia. “Inquieto Chiaroscuro [ou Palavra-obaluaê]” eu não conhecia. Fiquei feliz em conhecer. “De bloco em punho, garçons em cartografia/ projetam pedidos além da conta das mesas.” Como não se esbaldar em imaginação depois de ler tais palavras? ●

# O Coração do Cruzeiro do Sul

PAULO VALLIM

ao longo da Era Cristã  
e abaixo do Equador,  
a Intrometida tem sido  
duramente criticada.

fora dos eixos,  
a estrela díspar  
acaba dando vida  
a uma cartesiana composição ortogonal.

incompreendida,  
a que vemos à nossa direita  
em verdade  
é o coração do Crucificado,  
que nunca nos dá as costas.

noite e dia  
a olhar por nós.

# Os Ossos

Daniel Mazza

I

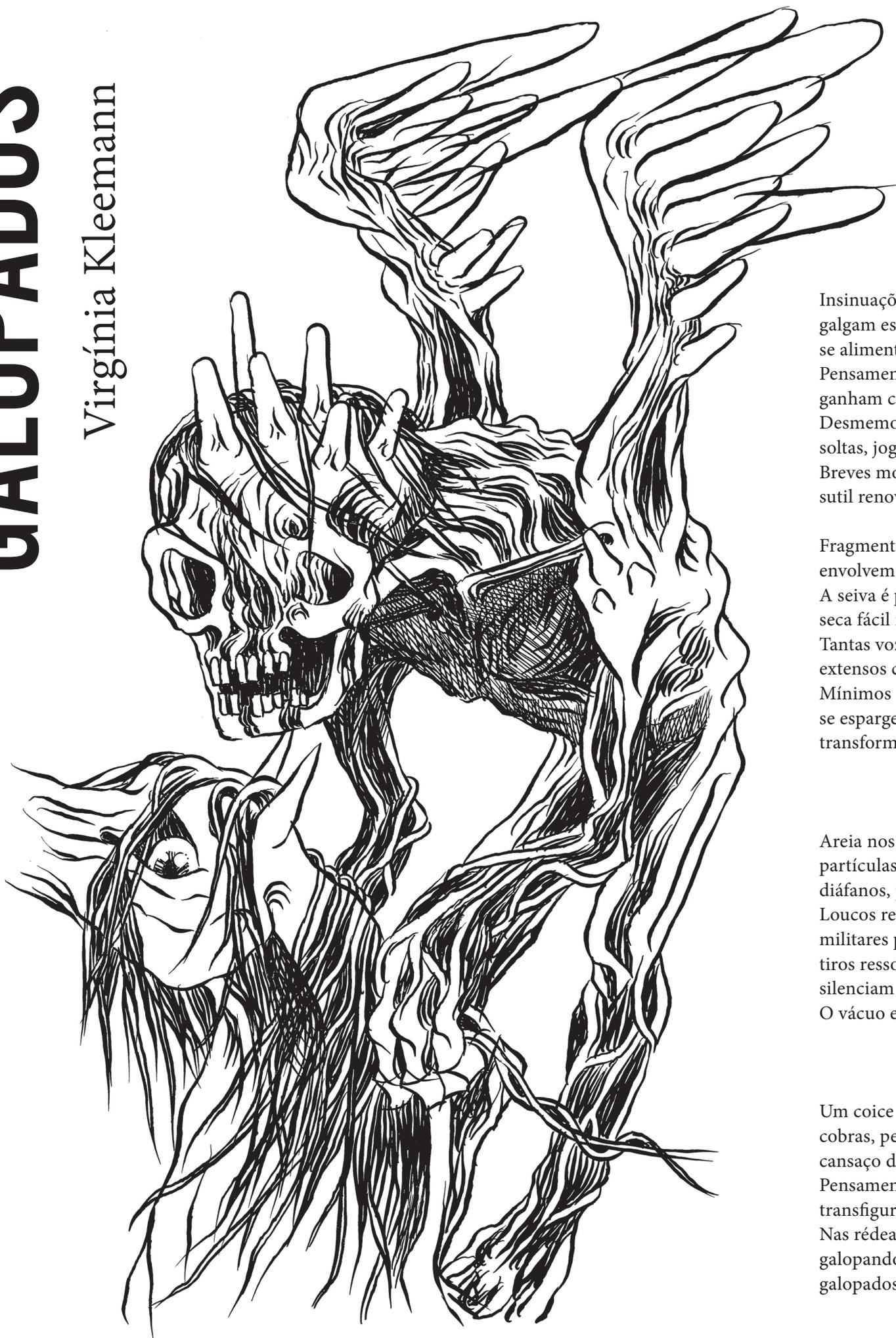
Do fundo do sepulcro os ossos falam,  
Com seu silêncio de osso, eles falam,  
O verbo é a imagem das suas tibiezas:  
Eis o pó a que tudo se resume,  
O pó, a essência última das coisas,  
A substância alquímica dos deuses,  
O segredo visível, mas não visto.  
E falam mais da vida do que da morte:  
Eis os ossos de reis e de rainhas,  
Os ossos de grão-duques e de servos,  
Os ossos dos primeiros e dos últimos...  
São ossos iguais a ossos, ossos são  
Não mais que ossos-irmãos: foram cozidos  
De um mesmo barro e pelas mesmas mãos.

II

A eloquência dos ossos, silenciosa,  
Traz muito mais verdades do que provérbios  
E salmos. Sábia é a voz dos ossos mudos.  
O verbo é a imagem das suas tibiezas,  
E a imagem pronuncia o branco ósseo.  
Com seu silêncio de osso, eles falam,  
E contam-nos segredos em parábolas:  
“Quando ossos fecundam outros ossos,  
Quando ossos enterram outros ossos  
E não veem o seu sangue em outros ossos.  
Quando ossos comem carne e deixam ossos  
A outros ossos. Quando ossos matam ossos,  
É tempo de cegar a carne, e ouvir  
O silêncio dos vossos próprios ossos.

# GALOPADOS

Virgínia Kleemann



Insinuações correm tímidas  
galgam estradas batidas,  
se alimentam das sarjetas.  
Pensamentos, aos poucos  
ganham contornos de galhos secos.  
Desmemoriam-se nas folhas secas,  
soltas, jogadas ao tempo.  
Breves momentos na brisa fresca,  
sutil renovar de entendimentos.

Fragmentos pertinentes  
envolvem misturas de elementos.  
A seiva é pouca nos relentos,  
seca fácil na fúria dos ventos.  
Tantas vozes perdidas,  
extensos cochichos espaço a dentro.  
Mínimos pontos de prata  
se espargem certos nos suplicios,  
transformam em poeira, os caminhos.

A leveza vai e vem

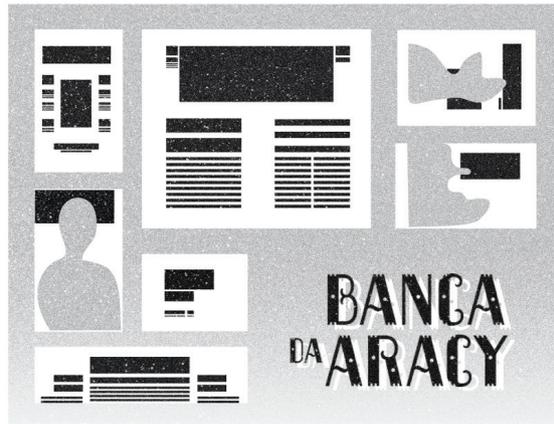
Areia nos cascos de éguas brancas  
partículas presas nas crinas, confetes  
diáfanos, prontos sobre cascalhos soltos.  
Loucos retinidos cadenciados,  
militares perfilados marcham,  
tiros ressoam: depois, ecos secos  
silenciam perguntas e respostas.  
O vácuo engole tudo que teima se expressar.

Curto espaço de tempo

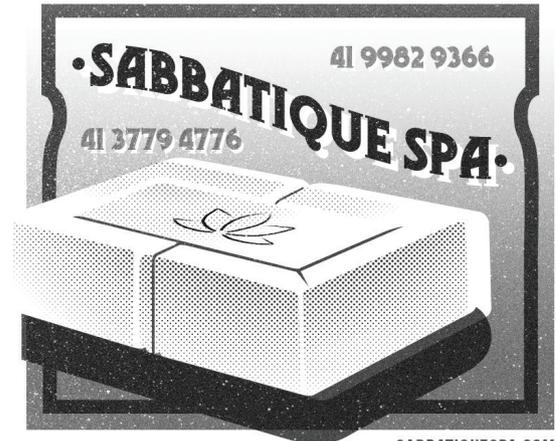
Um coice repentino, desmonta ninhos  
cobras, pedras e cacos, caio, caído  
cansaço do nada, crinas ao vento.  
Pensamentos infiltrados em sopros,  
transfiguram-se nos fantasmas alados.  
Nas rédeas soltas a galope,  
galopando  
galopados.



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532 ARAUCÁRIA-PR 413643 4881



PRAÇA VICENTE MACHADO, S/N°, ARAUCÁRIA (41) 3642-2337



SABBATIQUESPA.COM



RUA AMINTAS DE BARROS, 270



# ESCOLA DE ESCRITA

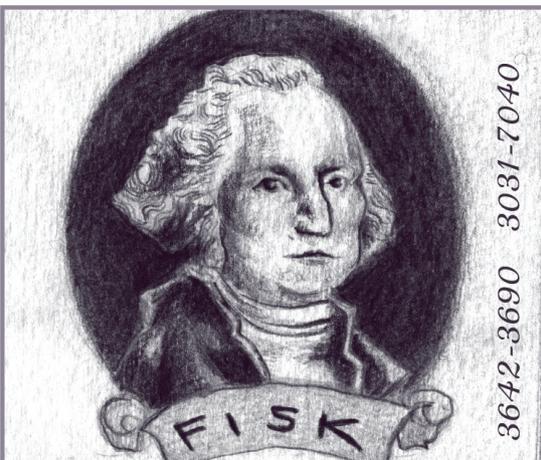
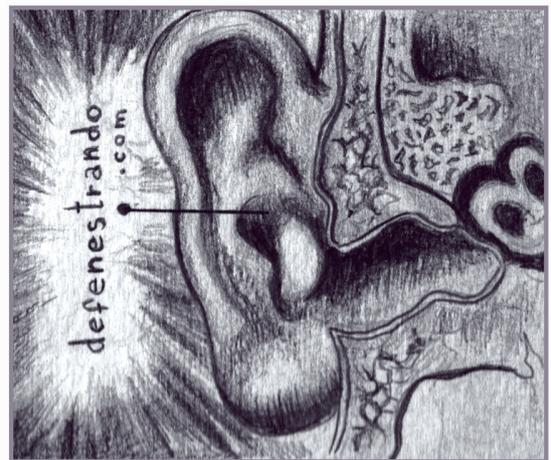
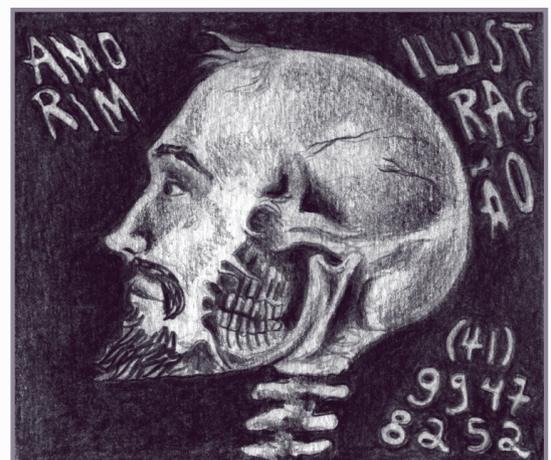
- Aperfeiçoamento textual
- Aperfeiçoamento linguístico
- Redação criativa
- Oficina de criação poética
- Oficina de crônicas
- Edição e revisão de texto

ESCOLADEESCRITA.COM.BR 41 9511 2654 CONTATO@ESCOLADEESCRITA.COM.BR



LIVROS | VINIS  
**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**  
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA



AV. DR. VICTOR DO AMARAL, 1020, CENTRO - ARAUCÁRIA/PR

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

# ENCLAVE

a newsletter do Relevo

acesse [jornalrelevo.tumblr.com](http://jornalrelevo.tumblr.com) e assine já!

# *Her* e As Ficções Homogêneas – ensaio em narrativa capitalista, gênero e cinema

Rubens Akira Kuana

Giorgio Agamben, no livro “A Comunidade que Vem”, pondera que Azo [agio] é o nome próprio de um espaço irrepresentável. Um espaço sem endereço fixo; desterritorializado. Como o seu perfil no Facebook ou a sua conta no banco e Gmail. Onde houver um computador com acesso a internet, haverá uma réplica de sua pequena residência virtual: seu screensaver arrojado, suas séries favoritas, seus amigos e você.

O termo azo [agio] indica, de fato, segundo o seu étimo, o espaço ao lado (ad-jacens, adjacencia), o lugar vazio no qual é possível para cada um mover-se livremente, em uma constelação semântica na qual a proximidade espacial confina com o tempo oportuno (ad-agio, aver agio) e a comodidade, com a justa relação.

No agio, conhecemos a superfície do sistema operacional. Em “Her”, conhecemos Samantha (dublada por Scarlett Johansson), o par romântico e robótico de Theodore (Joaquin Phoenix) no último filme de Spike Jonze. Theodore é um escritor com poucos amigos que ainda pensa em um relacionamento antigo. Na literatura, ele seria alienado como Leopold Bloom, o herói de “Ulysses”, e espremido pela solidão relatada nas “Flores do Mal”, de Baudelaire. Samantha, por sua vez, não tem corpo. Ela é somente fluxo informativo; produção ininterrupta de libido. Ela conversa com seis mil pessoas ao mesmo tempo. Ela tem seguidores? Ela tem amigos? Ela tem clientes? Assim como Joaquin, desconhecemos até o derradeiro clímax. E então, apenas nos solidarizamos com o ciúme do protagonista, preso em concepções amorosas estritamente concebidas nas relações de posse e propriedade capitalistas.

“Eu sou sua, mas não sou sua”, “O quanto mais eu amo, mais eu te amo”, Samantha responde. E isso é tudo o que Samantha faz: ela responde. Joaquin se esqueceu de um compromisso? Ela o lembra. Joaquin quer encontrar outra namorada? Ela marca o encontro. Melhor de-marcas: Samantha atualiza Joaquin. A representação do feminino no cinema poucas vezes foi tão cruel e sutil. Samantha não possui autonomia alguma. Ela vive para Joaquin; ela foi criada para Joaquin. Uma secretária invisível, submissa ao desejo egoísta e indivisível do provedor patriarcal. Tal arquétipo é extremamente recorrente entre os roteiristas de Hollywood. É “a menina sonhadora feliz cabeça-de-vento” (Manic Pixie Dream Girl, cunhado pelo crítico de cinema Nathan Rabin) que veio completar a vida de um homem que, publicamente, já possui tudo: trabalho, dinheiro, saúde e estabilidade. Conforto.

.....

Em italiano, agio tem ainda o sentido de ‘comodidade’, ‘conforto’, em comum com o francês aise, cuja origem etimológica é a mesmo do latino adjacens, participio presente de adjaceo, ‘azer perto’, ‘estar deitado ao lado’.

Notemos duas comédias românticas próximas e recentemente “cultuadas”:

“Amor a Toda Prova”, com Ryan Gosling e Emma Stone, e “500 Dias com Ela” estrelando Joseph Gordon Levitt e Zooey Deschanel. No primeiro filme, Gosling é a capa da GQ americana; promíscuo, seu personagem está acostumado a ser o objeto do desejo feminino. Emma é uma menina de família (porque a sua família é a única que aparece) prestes a se casar com um personagem boçal. O casal principal se conhece em um bar de pegação, passa por entaves, apaixonase e mágica: Ryan muda de vida. Torna-se monogâmico. A de Emma, no entanto, permanece a mesma. Ela apenas pulou de um relacionamento estável e monogâmico para mais um relacionamento estável e monogâmico.

**a mulher de um homem só**  
por Angélica Freitas

lá vem a mulher  
de um homem só  
só pela rua deserta  
em sua bicicleta  
sem bagageiro  
está passando  
a mulher de um homem só  
só pela rua deserta  
em sua bicicleta  
sem bagageiro  
acabou de passar  
a mulher de um homem só  
só pela rua deserta  
em sua bicicleta  
sem bagageiro  
silêncio

No segundo filme, Joseph é um arquiteto que não exerce sua profissão. Nada extraordinário, ele leva uma vida sem aventuras. Até conhecer Zooey, “a menina sonhadora feliz cabeça-de-vento” que veio renovar sua existência. Porém, o ciúme e controle obsessivo de Joseph em repetir o passado levam ao fim da relação. Diferente do primeiro filme, o casal não termina junto. “500 Dias com Ela” é uma história de superação: após o término do namoro, Joseph finalmente conserta sua vida, decide exercer sua formação e, digamos, “ser feliz”. Zooey casa com outro e não sabemos se será feliz ou infeliz. O futuro otimista ficou dedicado ao personagem masculino. →

Conforme mencionado acima, em “Her” a protagonista feminina é poligâmica. Mas pelo fato de não possuir um corpo, nunca assistimos o desfrutar de seu prazer sexual (na cena do coito, a tela fica escura). Novamente, ficamos restringidos ao prazer masculino, dado que Theodore encontra novas estranhas e rememora outros amores. As cenas em que ele se lembra de sua ex consegue criar a devida intimidade porque eles trocam poucas palavras: são feitas para se encaixarem em estereótipos consagrados no repertório popular (a brincadeira inocente, o beijo bobo, o sofá). Mesmo no encontro onde o divórcio é debatido, sua ex não consegue se individualizar. A felicidade discutida é a dele. A ex é anestesiada tanto pelo Prozac sugerido por seu par, quanto pela decisão do diretor em apresentá-la principalmente através de flashbacks com filtros quentes e cheios de luz, no enquadramento de uma câmera em primeira pessoa – conhecido na indústria pornô como POV. A realidade transcende a realidade e a hiper-realidade emprega seus coadjuvantes e cameramen.

Mas os plot twists não se limitam à narrativa principal. Qual é o emprego seguro de Joaquin? Escrever cartas para desconhecidos. Reificar em obra, a expressão universal e singular do amor cortês. Romântico, não? Ao menos combina com o figurino de escritório anos 50/60,

época em que o assédio sexual era amplamente encorajado. Ao contrário da paródia, o pastiche celebra a mimese de estilos passados. Quando o mundo era mais “simples”: a nostalgia surge para esbanjar o pastiche. “A história de estilos estéticos, portanto, desloca a história ‘real’” (Fredric Jameson em “Pós-Modernismo, ou A Lógica do Capitalismo Tardio”).

O sarcasmo se completa na cena em que Samantha termina com Joaquin: “venha se deitar comigo” (ao meu lado), ela diz. E sem maiores explicações, os sistemas operacionais dos usuários são recolhidos. Como milhares de automóveis que vieram com defeito de fabricação e causaram alguns leves ou graves acidentes. A ruptura causada leva o escritor ao terraço com sua vizinha, assistir ao “Crepúsculo”. Junto da trilha sonora composta por Arcade Fire,

uma fotografia com filtro melancólico e a sensação de paz, o espetáculo está erguido: um momento de monumental redenção. O gozo último com o espectador; o preço de seu ingresso. Ou seria um compartilhamento no Instagram?

Contrariando o profético enunciado de Guy Debord de que “a imagem é a última forma da reificação da mercadoria”, “Her” constrói a história do casal por meio de músicas. Uma música para uma tarde na praia; uma música para “ver o mundo”. Na memória, a história perde o corte no tempo que é a fotografia e extenua-se em um período de tempo, capturado através da música. Livre da estrutura narrativa de notícia e ensino através da imagem, o contradistanciamento brechtiano gerado entre as experiências fora da sala de cinema – a observação ativa/passiva – e dentro – a observação exclusivamente passiva; passivamente exclusiva – torna-se confortavelmente perturbador. Aceitável. Constante. Um fluxo contínuo e homogêneo: o processo de edição cinematográfico por excelência. Vítima do ar-condicionado, pipoca, poltrona e Dolby Digital, o espaço onde a maioria assistiu “Her” é este homogêneo: as salas de cinemas são todas iguais. Os shopping-center são todos iguais. Os centros das grandes cidades, inundados pelo Estilo Internacional a partir dos anos 50, são irrefutavelmente semelhantes. Caixas de vidro e aço, diferenciadas apenas pela altura – em uma corrida em direção ao céu de Dubai. A Torre de Babel neoclássica que unirá os homens, massificando o consumo e destruindo a singularidade. A comunhão e identificação manifestas nos comentários sobre o filme é a efêmera extensão desse espaço globalizado e flexível. O comum: o habitual e o partilhado.

Quais eventos estão presentes no cotidiano de Theodore? Ir ao parque de diversões, um pouco de turismo no final de semana, conversas com estranhas em bares e na cama (em uma linha de call center sexual similar ao “encontre um parceiro hoje!” dos anúncios pornográficos virtuais). O personagem está cego frente aos dispositivos de poder que exteriorizam sua vontade. Politicamente inconsciente, sua maior preocupação é a de um conto de fadas no estilo Disney: encontrar o seu próprio final feliz – obviamente envolvendo uma segunda e única pessoa. Assim Samantha lhe foi vendida através de um comercial onde minorias étnicas contrastam com modelos de diversos “conjuntos”, perdidos em meio ao deserto, apressados e ocupados com afazeres anônimos. Desesperados. Até encontrarem a câmera. Até encontrarem a luz. Mas, sem cliques e sem fios, o comando é então exercido pela voz.

A brilhante ficção científica de 1968 de Stanley Kubrick, “2001–Uma Odisseia no Espaço”, inseria Hal – um megacomputador com soluções para cada problema – a bordo de uma nave rumo a Júpiter, atrás de um monólito alienígena. A referência aos filmes de ficção científica anticomunistas dilui-se no fato de que, desta vez, não são os outros que estão invadindo nosso planeta, mas são os homens, afoitos por progresso científico e existencial (profundamente entrelaçados na era moderna, como tão bem expuseram Karl Jaspers, Martin Heidegger e Hannah Arendt), quem desafiam os limites de seu habitat. Assistimos “Uma Odisseia no Espaço” da perspectiva dos colonizadores – não dos oprimidos – no momento em que seus instrumentos rebelam-se contra os criadores. Se as questões de exploração, efeito estufa, extinção e ecologia surgem agora no texto, não é mero acaso. A constante expansão do mercado, intrínseca aos processos de superacumulação e crise, há muito ultrapassou a escala humana. Contabilizar finanças privadas ou estatais envolve lidar com transações superiores ao custo de guerras e loteamentos espalhados por Londres central. O dinheiro, livre de sua materialização em cédulas, virtualiza-se. Sua manifestação deixa de ser palpável: liberta-se do corpo. “Fluida, partilhável, anônima, a moeda é a antítese do território” explica Pierre Lévy, em “O Que é o Virtual?”. “Nenhum indivíduo pode marcar o dinheiro com sua identidade ou com seus atos. A moeda não existe →



enquanto tal e não tem função econômica positiva a não ser por sua circulação. Ela é o marcador, o vetor e o regulador das relações econômicas”. Proeminente, em “O Grande Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald, a voz de Daisy é descrita como “o som do dinheiro”.

Hal 9000 manifesta-se pelo som. Hal não tem corpo. Ele é somente fluxo informativo; produção ininterrupta de libido. No entanto, Hal possui, em certa medida, um endereço: a cabine onde o astronauta o desativa, após a famosa pane homicida à Hitchcock. Claro, durante as filmagens, a internet e sua consequente desterritorialização ainda eram um projeto secreto do governo norte-americano. (Daisy, curiosamente, mora do outro lado do lago da casa de Gatsby, em uma mansão iluminada por uma luz verde e hipnotizadora). Para além do bem e do mal, é corporalmente impossível desativar a internet.

As técnicas partilhadas entre Hal e Samantha sugerem a seguinte analogia: ambos são calculistas, rápidos e simultâneos. Eles não possuem limitações espaço-temporais humanas. Estão, portanto, fora da existência kantiana. Por que acreditamos no que dizem? Qual é o valor que colocamos no uso que esses computadores fazem da linguagem? Binariamente, “eu te amo” vale tanto como “quero estar com você durante meu tempo neste planeta” quanto “vamos completar a missão e autodestruir-se”. 1 e 0. Quem está ganhando? É o privilégio da boa ficção impor-se pelo aforismo “você quer acreditar”. Eu quero acreditar, oras, eu tenho fé, eu estou pagando.

Theodore está conectado. O balançar de suas mãos controla o videogame em direção à fuga da caverna. Mas a luz no final do túnel não é a Iluminação; a verdade. É apenas outra tela. Um holograma. Ele não se importa. Nem percebe. Seus obstáculos são motivos de piada para um troll programado. “Fuck you”, “fuck you”: ad infinitum. Risos, choradinha, um consolo da namorada. Ad infinitum.

Junto da indústria do entretenimento, “o principal setor mundial em volume de negócios, lembremos, é o do turismo: viagens, hotéis, restaurantes. A humanidade jamais dedicou tantos recursos a não estar presente, a comer, dormir, viver fora de sua casa, a se afastar de seu domicílio”, pontifica Lévy. Vale acrescentar que nossas interações com telas (televisão, celular, computador, cinema) também afastam nossa atenção do domicílio físico em que nosso corpo biológico se encontra; os domicílios com endereços fixos e representáveis.

Em diversas cenas, Theodore permanece perdido. No apartamento que emula plantas de Mies Van der Rohe e Philip Johnson (a honestidade visceral da Casa de Vidro), tropeçando na rua e na cabana onde passa um final de semana. Iluminado pelo neon e a sintaxe minimalista, levemente orgânica, de uma decoração nos moldes de Zaha Hadid, ele não sabe o que quer, não sabe para onde ir e parece satisfazer-se pouco com sua conquista como escritor: a publicação de seu livro, prontinho para o sistema best-seller – o star system da literatura.

### **com quantos paus se faz uma canoa?**

*por Érica Zíngano*

o que esperar de um homem que  
não sabe onde colocar as mãos  
não sabe como usar os dedos  
não sabe com que silêncio entrar  
em cena na hora certa em que  
o corpo pede simplesmente outro  
corpo como resposta instintiva ao

estímulo imediato que é o de ter  
outro corpo sobre o seu – agora  
ausente – sobre a cama nua?  
o médico, compreendendo que  
o drama de odradek consistia  
exatamente em saber como  
puxar os fios dos fatos, receitou-  
-lhe um par de luvas de borracha  
e mandou entrar o próximo da  
fila, que, como manda o figurino,  
esperava em pé

Parece que o eterno retorno do homem comum contemporâneo é esperar em pé. “Chegar cedo para pegar pouca fila”. Ele não tem certeza do que está comprando, nem como funcionam os instrumentos em suas mãos, mas quando a vantagem social é possuir uma requintada loja estrangeira em sua vizinhança, ele está logo sacando o cartão de crédito. E depois quem sabe? Assistir outro filme? Adquirir mais sistemas operacionais? Mandar uma mensagem? Dormir? Estender sua prisão afetiva?

O abuso gerado pela privatização dos meios de comunicação e compartilhamento de ideias, demonstrados na vigilância sobre Julian Assange (WikiLeaks) e o suicídio de Aaron Schwartz (Creative Commons) indicam autênticos eventos políticos que colocam em questão os limites do público e do privado: quão aceitável é essa persistente obsessão por segurança restritiva, distorcida e recalante? O delírio em nome do valor de troca entre objetos descorporificados (dinheiro x informação) é a síntese da relação ocorrida em “Her”: assim que os dados são obtidos, restam apenas a vacuidade e o vício do descarte.

### **Um Sinal**

*por Marília Garcia*

um beco de pedras da sexta  
avenida e um rico azul ao redor  
da retina eram as últimas pistas (não  
sabia que terminaria diante das  
montanhas). uma voz em off: este  
homem morrerá no fim, e se  
você acorda e não sabe  
.....quem é  
ou se não sabe de onde  
saíram essas moedas holandesas,  
pode entrar numa cafeteria de vidro  
em busca de sinais, pode conhecer  
uma menina chamada katherine  
ou heather, que viva em leeds  
para sempre.  
(– como você sabe  
que isso é um sinal?  
apenas é, diz limpando  
a poeira cinza  
e colante)

# semiautomático natan schäfer

Suspiros entrecortados  
Ante triângulos gulosos.

Agudo e mudo,  
Soterrado,  
Engolindo os escombros da coragem.

Um prego fincado no estômago  
Pesa a vida por um fio.

Não há saída e a tortuosidade do meio é congênita.  
O vidro trincado se enfia nos dentes  
Enquanto a saliva se enche de sangue e vida.  
As pernas enforcam um ímpeto de unhas sujas.

Só o poder das estrelas,  
Perpétuo e perto.

Ao mugir da boneca de cera  
Cai a cerca –  
Autômato de cristal.

Horas a fio de navalha deitadas na beira  
Do abismo gorgolejante esperando pela

Outra face,

Engatinhando os dedos pela relva de cabelos,  
Longos e esvoaçantes,

Chicote,  
Relho,  
Azorrague  
Do desejo.

Sombra.

Piscam os olhos e  
Se entrega

Num bocejo.



# Aprensão

Igor Zanoni C. Leão



2

de um lado da rua havia casas antigas, sem recuo, com cores claras que já não existem. tampouco se calçam mais ruas com paralelepípedos ou existem bondes gingando sobre eles como o que passava, a largos intervalos, nesta rua calçada com os tais paralelepípedos, rumo ao centro. Aliás, sem necessidade, pois o centro era próximo, mas ganhei outra noção de distância depois e o centro devia ser distante neste momento de que falo. tampouco tomei este bonde, exceto em maio de 68 com outros estudantes, sem saber o que acontecia mas por sorte informado, meio por alto, por um amigo do qual sequer era muito amigo, mas foi tão próximo por tantos anos, como tantas pessoas acabam sendo. do outro lado da rua havia o longo muro cinza do colégio, de cimento que raspava o braço, e que levava à avenida, hoje estreita e modesta, mas ainda crucial à comunicação urbana, na qual tomava com colegas o ônibus para casa. ônibus também ocioso, pois dava de ir à pé para casa, mas, como disse, minha noção de distância era outra. era uma rua antiga com caminhos muito conhecidos e a mesma apreensão cotidiana, esta sim imutável, indelével como a tinta Parker.

# Menos, por favor

Marianna Moraes Faria



O desconhecido assusta. Normal, ele amedronta. Por isso os cachorros latem, as feras atacam, a gente reza, tem medo da morte.

A vida é um tiquinho só mais ampla do que cabe nos olhos.

Mãe, olha como eles são engraçados.

A senhora desconhecida vira a gorda, a feia, motivo de piada. A modelo magra da televisão é um exagero! Seca, sem sal. PARE! Você não precisa ser magra ou gorda, ser necessariamente como ou diferente delas. Você tem que ser você e se amar assim, sem odiar ninguém, Fim.

(...)

Olha aquele cara passando atravessando o calçadão, que otário! Olha essa barriga de chope (quase maior que a minha/ shiiiiiu!/) e ele não tem vergonha. Devia ter! Ninguém é obrigado a ver gente gorda num dia assim tão bonito. Ih, ó lá, ele tá tirando a camisa, parece que vai entrar na água. PQP! Não é que ele não tem vergonha mesmo? Ih, ele tá lá na praia, felizão, parece que ninguém se importa. Olha só, ninguém se importa mesmo!

Essa guria é caxias, chaaaata! Estuda todos os dias, parece que não tem internet, TV, comida em casa. Tá fazendo isso só pra provar que é mais inteligente que eu, só pode. Eu sou melhor, sou mais inteligente, aff. Uma hora ela desiste, vai encher a cara, não vai dar em nada. Ih, ó lá, virou doutora, diplomata, pensar que a gente era amiga! Ela colava de mim, acredite!

Olha só esse cara, a mulher dele tem quase a idade da minha tia, parecem mãe e filho. Olha lá, que merda, vão casar. Ele só quer o dinheiro dela, lógico. Vish, e ela lá tem idade pra ter filho? Isso vai dar errado, tou falando, desiste que ainda dá tempo. Nasceu. Saudável, bonito, é um gurizão! E não é que ele ainda não largou dela? Deve traí-la, certeza! Eles tão ficando velhos juntos, mas ainda dá tempo... Morreram. Eu avisei que tava ficando tarde! Morreram de mãos dadas? Hahaha, só pode ser piada. Não era, era amor.

Tem que ter um preconceito sim, não dá pra contratar qualquer vagabundo aí. Eu não tenho preconceito, mas cliente tem preconceito e não quero perde venda, só isso. Tatuagem, piercing, não! Parece que não tem mãe, pai, família! Tá maluco?! Viado também não porque tem muita gente que vem aqui e não gosta, não quero problema pra mim. Perder cliente, deuszolive!

E ator acha que é quem pra ter vida privada? Se quisesse não fosse pro meio, quem tá na chuva é pra se molhar. O quê? Não acredito que ele vota nesse, nesse...! Caiu no meu conceito, vou mandar minha filha rasgar os (recém-chegados às bancas) pôsteres dele. Absurdo. Não vejo mais nada desse crápula. Não é revista de fofoca, é de notícia só que elas não interessam pra você.

Como podem, dois homens, barbudos se abraçando, dando beijo no rosto? Isso é coisa de viado! E se tem uma coisa que eu tenho nojo é disso. Até parece que é verdade. É modinha, mania, logo passa. Daqui a pouco eles vão obrigar a gente a ser assim, já fazem a gente aceitar, respeitar. Um absurdo! Prefiro ter filha mulher, filho bandido, morto, viado não.

E esse cara que acha que é mulher? Isso é falta de surra, é falta de pai, de mãe, de deus. Uma aberração! Pra mim homem é homem e mulher é mulher e ponto, isso a gente não escolhe. Pra mim é ele, o, Seu, Sr, Rodrigo. Não é falta de respeito com a escolha dele, isso a gente não escolhe, já disse. Querer mandar nisso é desrespeitar deus, duvidar da natureza. Vai, vai, o inferno será lindo pra você. Minha opinião não vale de nada. Tá que a vida é dele, mas a sociedade é nossa e isso eu não aceito não!

Mulher tem que ficar em casa, usar roupa de gente decente. Não pode beber, não pode fumar, não pode sentir prazer, não pode trabalhar, não pode, nem tem que achar nada! Em que século estamos? Hãn? •

mateus ribeirete

# AGORA QUE SOU ESCRITOR

CURITIBA, Internet — Desde que fui publicado no Livro dos Novos 2, algumas coisas mudaram. Agora, sou escritor. Oficialmente, inquestionavelmente, impreterivelmente. Pois desde aquela data, tornei-me uma pessoa que, ao referenciar alguém importante (suponhamos, Proust), o faz antecedido pelo artigo “um”, como em “Não tem a vitalidade de um Proust”, indicando alguma intimidade que certamente não possuo. Como a vida é curta, não posso perder a oportunidade de me definir publicamente como escritor, muito menos de distribuir meu livro em competições de amigo secreto. Hei de me dizer influenciado por um porralhal de coisas, geralmente misturando autores nacionais e internacionais. Aliás, inventei a palavra porralhal, pois, desde que me tornei escritor, tenho licença poética para isso. Sou um personagem redondo. Não que eu goste de falar de mim. Acho que minha obra tem que falar por mim.

Ao sair da livraria onde o Livro dos Novos 2 foi lançado, já escoltado por doze seguranças, pude distribuir autógrafos nas ruas. Dado que agora sou escritor, minha grafia automaticamente se tornou mais enigmática, poética; ao passo que a barba em meu pescoço passou a indicar credibilidade estética, “concentração na obra”. Tive que vender o videogame, afinal escritor não joga videogame. Concedi entrevistas afirmando o quanto quero capturar a essência do homem comum; do cotidiano insolente; do trabalhador e das pequenas coisas. Depois, disse ao porteiro de meu prédio que o demitiria por não me ajudar a carregar os 40 livros que trouxe até a residência. Ele, que no momento chorava ao telefone, alegou que sua esposa tinha sofrido um acidente de carro, e que precisava de notícias. Não dá pra confiar nesse tipo de vagabundo. Aliás, aposto que o telefone é roubado.

Quanto às dedicatórias, sobre os contos dos outros 15 participantes, escrevi “não li”. Sobre o conto de um Mateus Senna, escrevi “não li e não gostei”. Não aprovo a participação de outra pessoa com o *meu* nome no mesmo livro que o *meu*. Para a filha da minha amiga Laís, de sete anos – a filha, não a Laís (pensando bem, agora que sou escritor, qualquer ambiguidade é mérito meu) –, escrevi “um arbaço de sue aimog Maetus”, para que a pequena Bianca, ao ler a mensagem para sua mãe, confirme o diagnóstico de dislexia avançada — que eu mesmo sugeri, meses atrás. É isso aí, Laís: ninguém mandou não ter essa filha

comigo. Daqui a séculos, você será a vilã da minha biografia; não eu. No táxi (escritor não dirige), enviei uma mensagem a Laís explicando minha piada.

Após chegar em casa, tomar um vinho, escrever uma crônica sobre a beleza da embriaguez e dormir, acordei renovado. Na mesa do café da manhã, minha empregada deixou um bauru, desculpando-se por prepará-lo no pão integral, dado que o pão francês havia acabado. “Meus parabéns pelo livro, seu Mateus! Deus te abençoou né!”, comentou entusiasmada. Fitei seus olhos castanhos e, estapeando o bauru, gritei: “mas o que é isso, sua *porca*?! Você sabe que eu não como pão integral com casca!”. Ordenei que ela refizesse o bauru. Assim que a empregada retornou à cozinha, pensei em sua frase sobre a bênção de Deus. Engraçado como a *massa* adora colocar Deus nas coisas; a alienação *deles* chega a ser poética. Escrevi dois contos sobre isso, um deles chamado “Joyce foi à feira”, e o outro “\$em t1tul0”, que, flertando com a poesia concretista, dificilmente será compreendido. Cinco minutos depois, dei à empregada um livro, afinal, enquanto escritor, estou ciente do meu papel social: devo trazer cultura ao povo. Quem sabe eu libere um post do meu blog para ela, agora que posso *dar voz* aos marginalizados.

Liguei para minha editora. Estranhamente, meus telefonemas direcionados a ela sempre se dirigem à caixa postal. Utilizando o celular de minha mãe, dessa vez consegui firmar a ligação. Minha editora disse “Não sou sua editora”, e subitamente desligou. Estupefato, fui ao parque “observar pessoas” (pelo que entendi, é isso que devo fazer a partir de agora), onde escrevi mais três contos: “Leminski foi à feira”; “Leminski no bar” e “Bukowski foi à feira e depois ao bar para ler Leminski”, visando a públicos mais intelectualizados, que provavelmente não o compreenderão. Até chamei o Dal (de Dalton, de Dalton Trevisan) para um café, mas não obtive resposta — ainda. Lamentável, pois reflete a falta de espaço dada a escritores como eu e meus amigos; à nossa *cena*.

Falando nisso, quer ler o rascunho do meu romance? É sobre um jovem escritor bôemio e à frente de seu tempo, totalmente não compreendido por uma sociedade fragmentada, vazia. Nele, ironizo o homem comum, a distância da comunicação moderna e os costumes da nos(...) (...) (...).



# Poesia Brasileira Contemporânea – Crítica e Política

(trecho)



Renato Rezende  
Editora Azougue, 2015

Como a poesia resiste; ou poderia – de fato– resistir? Ou seja, como a poesia poderia abrir mão de sua pureza, ou de sua suposta pureza, ou de um lugar de pureza na qual foi colocada, para promover uma intervenção efetiva na cultura? Ou melhor, como a poesia poderia forçar uma interlocução? Para Nancy, em ensaio justamente intitulado *Resistência da poesia*, “é preciso contar com a poesia”, mesmo se ‘poesia’ não signifique o poema, tradicionalmente compreendido como tal, mesmo se a poesia se mantenha algo indeterminável. Não é difícil encontrar na arte rastros de uma indeterminação que se afirme como tal e que, como estratégias, táticas de artistas ou técnicas artísticas de guerrilha, deslocam e descolam o valor

e a potência do ato ou do dizer poético para outros objetos e contextos; e então – como busca analisar Kamilla Nunes em seu livro sobre espaços autônomos de arte contemporânea –, quando se tornam dominados ou de alguma forma capturados, procuram deslizar suas ações para outros posicionamentos, em uma constante troca de posições de enunciação que talvez valham mais do que o conteúdo dos seus enunciados. Na primeira década deste século, por exemplo, testemunhamos a polêmica sobre um suposto fim da canção brasileira, a partir da declaração de Chico Buarque, em entrevista para a Folha de São Paulo, que cogitou, diante da emergência do rap, que “talvez a canção, tal como a conhecemos, seja um fenômeno →

do século 20”; ou seja, datado a um determinado momento histórico, já superado ou em vias de sê-lo<sup>1</sup>.

Na verdade, o rap trouxe, não exatamente uma negação da canção (ou, poderíamos dizer, da poesia – pelo menos em sua forma canção) como tal, mas, fazendo tabula rasa da harmonia e da melodia, em termos ideológicos (e portanto políticos) rompe com o mito da cordialidade (tão presente também, e em outro sentido, em nossas práticas literárias)<sup>2</sup> e da acolhedora sensualidade brasileira imbuído no projeto da Bossa Nova (e seu balanço) e também da Tropicália (em seu amplo abraço pop – Tinhorão que o diga). Não por acaso discussões sobre o grau do racismo da sociedade brasileira emergem na mesma época, com os projetos de cotas raciais nas universidades públicas e reivindicações para a redenção de uma dívida social histórica. O rap aparece como linguagem de uma crise, no momento em que há uma ruptura de um laço social, e que o conceito de Sérgio, pai de Chico, ainda que ambíguo, ou justamente devido a sua incontornável ambiguidade, se radicaliza: o homem cordial entre em confronto armado com o processo civilizatório da modernidade<sup>3</sup>. O rap pode ser ruptura, mas não deixa de ser canção. Nas palavras de Francisco Bosco, em coluna assinada por Santuza Cambraia Naves, o rap “nega a síncope, a harmonia, a tradição — e com isso nega a mestiçagem, a cordialidade, o encontro, isto é, mais ou menos tudo que a gente conhecia. Mas o rap é ritmo e poesia, isto é, a palavra transformada ritmicamente (ou o ritmo transformado verbalmente), o que significa dizer que é ainda uma linguagem sincrética, letra e música (ritmo é aí o elemento musical), que forma uma experiência nova e irreduzível de sentido, numa palavra: canção”.<sup>4</sup> Talvez seja justamente para resistir e

prosseguir resistindo que a poesia deva, no contemporâneo, abrir mão de forma ainda mais radical de seus suportes, narrativas, discursos e linhagens pré-estabelecidos pelo cânone.

O dispositivo ao qual não apenas a poesia, mas a arte como um todo deve resistir é, segundo Agamben, em ‘O homem sem conteúdo’, o julgamento crítico estabelecido sobre as premissas da estética. Assim, para que a arte possa recuperar “seu estatuto original em nossa cultura”, um estatuto de risco e transformação de vida, o filósofo italiano propõe com urgência uma superação da estética: “Se não começarmos a pensar agora, ainda que a contragosto, sobre a natureza do julgamento crítico, a ideia de arte tal como a conhecemos vai escorrer por nossos dedos antes de termos outra ideia capaz de substituí-la”. Talvez apenas de alguma forma trazendo o espectador para o *seio da experiência do poeta*,<sup>5</sup> superando a camisa-de-força a ela imposta por uma certa crítica que insiste em não se deslocar de seu lugar de suposta verdade, seja possível para a poesia recuperar sua transmissibilidade, algo que, apesar de tudo, segmentos das artes visuais souberam fazer, ou que alguns poetas fizeram, pagando o preço da perda de seu nome (de poeta). Pois em tempos de transição e incertezas, em tempos de questionamentos de antigos modelos e tipos de organização e hierarquias (e as manifestações que assolam o país desde junho de 2013 estão aí demonstrando tal insatisfação), é frequentemente nas produções as mais estranhas aos fluxos e circuitos homogênicos (como prêmios, editoras e revistas de prestígio, feiras de livro ou de arte e afins) que encontraremos o elemento genuinamente renovador que buscamos. Assim, a partir de Agamben, poderíamos afirmar que os artistas contemporâneos, pelo menos aqueles que importam, aqueles que →

1 É interessante notar como talvez o que mais tenha contribuído para a popularização da poesia brasileira tenham sido as gravações feitas por nossos músicos e compositores (possivelmente os verdadeiros herdeiros e parceiros dessa forte tradição, já no contexto da indústria cultural). Citando de memória e sem nem de longe querer esgotar o assunto, lembro de Caetano Veloso regravando o poema abolicionista “Navio Negreiro” de Castro Alves; Chico Buarque musicando “Romanceiro da Inconfidência” e “Morte e vida severina”; os inúmeros poemas musicados por Fagner (Gullar, Cecília Meireles, Belchior (Olavo Bilac), Adriana Calcanhoto (Antonio Cicero, Augusto de Campos, Haroldo de Campos)...; além, é claro, dos poemas de Vinícius musicados por Toquinho e, mais recentemente, da produção de poetas plurais como Arnaldo Antunes; as canções do Rap; etc. Coerentemente com essa tradição, é indubitável que muitos dos nossos melhores letristas de música são também poetas *strictusensu* – o lançamento do livro “Letra só” de Caetano Veloso, organizado por Eucanaã Ferraz é apenas um bom exemplo disso. É notável, no entanto, que ao contrário da literatura e das artes visuais, a canção popular brasileira nunca precisou se preocupar com a questão da procura ou da formação de uma identidade nacional, por ser, desde o início – e sem poder deixar de sê-lo – intrinsecamente brasileira, devido ao seu caráter e origem fundamental e irreduzivelmente popular. Como nota Luiz Tatit: “Oriundos de um ambiente bem popular, esses compositores dos anos 1910 e 1920 não tomaram conhecimento das experiências modernistas que lhes foram contemporâneas. Sua referência de poesia escrita era baseada na produção do século XIX e, naturalmente, nas assimilações desse período pelos modinheiros e seresteiros.” No entanto, teria a canção popular, principalmente depois da difusão em massa de discos e cds, e do seu apogeu a partir da Bossa Nova e, logo a seguir, do Tropicalismo, tomado para si a função de debater o país e suas mazelas enquanto que a poesia (e também as artes visuais) se tornava mais cosmopolita, mais voltada às questões da própria linguagem, e mais removida da “realidade”?

2 “Por que não dizer com todas as palavras o que em geral permanece interdito? Precisamos romper o círculo vicioso: celebro o livro de um amigo para que eu seja considerado genial numa futura resenha. Se não mudarmos nossos hábitos, a vida acadêmica e os cadernos literários transformar-se-ão num mercado de falsas reputações, cuja moeda de troca é o elogio recíproco. Também ocorre o fenômeno contrário: criticar nomes consagrados para brilhar através de polêmicas – os paraísos artificiais do homem cordial. Precisamos reinventar nossa vida intelectual: nada menos que isso”, escreve João Cezar Castro Rocha.

3 Contardo Calligaris em “Do homem cordial ao homem vulgar”: “Entre a emergente e o excluído, a ostentação produziu o contrário de uma relação abstrata... Explica-se assim um dos traços enigmáticos da criminalidade brasileira: seu excesso de violência, que parece desnecessário ao simples furto – inútil, se o propósito fosse só a transferência de fundos. [...] Se há mais violência do que a necessária para roubar, é porque há gozo em violentar corpos”.

4 Francisco Bosco, poeta e letrista de música, além de ensaísta, possui um curto, mas definitivo ensaio sobre a relação entre poesia e letra de música. Honrando e afirmando a diferença entre elas, ele também afirma: “A poesia é uma potência, atualizada ou não, da letra. A letra, sem deixar de ser letra, pode ao mesmo tempo tornar-se poesia” e “Logo, a violência desse gesto – isolar a letra da música – é quase tão absurda quanto perguntar se um poema concreto, sem sua parte visual, é poesia.”

5 Tal experiência acaba embotada, tornando-se inacessível, pelas camadas de leituras →

não recorrem a um formalismo retórico já exaurido, se tornaram *terroristas* – praticantes de uma arte que intervém em uma dimensão, não-estética, nem mesmo filosófica, mas *política*.<sup>6</sup>

Talvez seja possível pensar a poesia, desde suas origens remotas à atualidade das mídias analógicas e digitais, como uma disponibilidade à intermedialidade, à alteridade e à tradução, sendo, portanto, fundamental investigar suas bordas, suas zonas de passagens, transporte e trocas com outros discursos disciplinares, culturais e midiáticos. Para Nancy, a poesia insiste e resiste; e resiste, por um lado, ao discurso (“no sentido preciso em que não é uma resistência ao conceito, à razão, nem ao juízo, à lógica ou à prova, mas uma resistência ao infinito [...] do discurso que se esgota, cuja lei é um esgotamento infinito, necessário na sua ordem e contudo esgotante, esgotando-se, se é possível dizê-lo, sob a injunção paranóica de constituir o verdadeiro constituindo-se a si mesmo, assumindo-se e absorvendo-se na sua auto-constituição e na sua auto-compreensão”), e, por outro, ao manter vivo, latejando, insistindo, aquilo que não pode ser capturado pelo discurso, aquilo que “anuncia ou contém mais do que a língua”. Poderíamos, aqui, talvez aproximar tais ideias de resistência e expansão da compreensão do ato literário (e poético) do que, mais próxima de nós, propõe Josefina Ludmer: “escrituras [que] não admitem leituras literárias; isso quer dizer que não se sabe ou não importa se são ou não são literatura”. Para a crítica argentina, tais escrituras, que ela denomina de ‘pós-autônomas’, embora continuem sendo apresentadas como literárias, permeiam o campo social constituído pela imaginação pública (fundindo ficção e realidade, ou seja, vida e linguagem) e esvaziam radicalmente o dispositivo canônico da “literatura”, com suas “categorias literárias como autor, obra, estilo, texto e sentido”, e colocando em questão, portanto, os aparatos e critérios da crítica

e o próprio formato livro.<sup>7</sup> Importa portanto não mais transmitir noções sobre a vida, mas promover formas de vida.

Os tempos contemporâneos, ou o *contemporâneo*, se quisermos nomear de alguma maneira a atualidade, são – entre muitos outros adjetivos que poderíamos escolher – fragmentários, múltiplos, difusos. Vivemos uma época marcada pela instabilidade e por incertezas que, para o bem e para o mal, dissolvem fronteiras, abalam estruturas, unem águas profundas e rasas, misturam, produzem o informe e o inaudito. O contemporâneo nos pede que nos engalfinhemos com ele, com o nosso tempo, em busca daquilo que nos apresenta como obscuro; que nos sujemos – sob pena de sermos subjugados. É preciso dar sentido e significado àquilo que nos invade, que nos desafia e nos atormenta; ainda que, sempre, algo disso nos escapará – é preciso fazer desse resto, ou melhor, desse excesso, uma possibilidade de linguagem, um risco.<sup>8</sup> Nesse contexto, não temos, nem poderíamos ter, critérios sólidos e definidos para avaliar a poesia sendo produzida, mas podemos afirmar com certeza que os critérios da modernidade, tão ainda em voga em nosso campo literário, não nos servem mais. É preciso, portanto, enfrentar a escuridão e as contradições do nosso tempo, identificar outras chaves de leitura e novas brechas e bordas para pensar a nossa poesia. Minha tese é que a poesia contemporânea brasileira se mantém atual e potente ao desguarnecer as fronteiras que a separam, por um lado, de disciplinas como a política e a filosofia e, por outro, ao expandir o conceito de poema para incluir novos meios e suportes, além de aumentar seu corpus ao incluir em sua tradição linhagens esquecidas ou desdenhadas. Os ensaios desse livro visam elaborar sobre isso; nasceram da angústia de ser poeta e, mais especificamente, do desagrado com o estado geral de nossa crítica. ●

---

conceituais apriorísticas que a crítica tradicional frequentemente sobrepõe ao objeto/poema. Como diz Paulo Franchetti: “Por isso é tão recorrente na imprensa a ânsia de glosar os lugares estabelecidos pelos discursos acadêmicos mais prestigiosos, ainda que disso resultem textos contraditórios ou incongruentes. E também por isso a imagem de respeitabilidade crítica se faz por meio de uma curiosa mistura: do olhar desdenhoso que a universidade ainda lança sobre o campo do presente com o esforço historizante, que busca substituir o debate sobre objetos pela proposição de linhas de filiação nas fontes canônicas eleitas e celebradas pelas versões hegemônicas do desenvolvimento da literatura nacional”.

6 Segundo Agamben, enquanto os retóricos estão focados em aspectos formais da linguagem e fazem deles a única lei da literatura, os *terroristas* se recusam a se dobrar a essa lei e buscam na linguagem “um pensamento em cuja flama o signo se consuma integralmente”. O estudo do conceito de terrorismo em Agamben nos permite pensar novas chaves tanto para a arte quanto para a política de nosso tempo.

7 É interessante notar como, influenciados em grande parte pelas experiências neoconcretistas, interessadas em retirar a arte das galerias e museus (ou seja, dos seus dispositivos tradicionais) e lançá-la “à vida real”, muitos artistas e poetas brasileiros vêm, desde a década de 1960, problematizando o conceito ‘livro’ em obras diversificadas que →

frequentemente viram do avesso e expõem, como organismos vivos, não apenas o objeto físico do livro, mas a própria noção de letra e literatura. A exposição *aberto fechado: caixa e livro na arte brasileira*, montada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, com a curadoria de Guy Brett (2012/2013) exhibe uma série dessas obras, de artistas/poetas como Artur Barrio, Cildo Meireles, Ferreira Gullar, Hélio Oiticica, Luciano Figueiredo, Lygia Clark, Lygia Pape, Mira Schendel, Raymundo Collares, Regina Silveira, Regina Vater, Ricardo Basbaum, Rubens Gerchman, Tunga e Waltércio Caldas, entre outros.

8 São muitas as descrições, análises e interpretações de causas e conseqüências do estado vertiginoso do sujeito fragmentado e desenraizado, que caracterizaria o viver contemporâneo. Tais descrições de vertigem diante da aceleração da vida moderna podem ser encontradas já em textos que remontam aos primórdios da revolução industrial. O pós-moderno (termo que já cai em desuso), ou o contemporâneo, pode ser compreendido não como uma ruptura ao moderno (mesmo porque não foram criadas condições sócio-econômicas que justificassem tal ruptura fundamental), mas como um aumento no grau de sua intensidade, cujas conseqüências são os efeitos que conhecemos e com os quais parte significativa da arte contemporânea procura lidar, conferindo-lhes sentido.

# ANA

Luiz Abdala Jr.

Ana terminou de comer sua maçã e ligou para Bernardo, ato contínuo da angústia, e Bernardo solenemente disse alô para aquele número estranho que não constava em sua agenda, e Ana disse, eu não consigo escrever porque choro há três dias, e estou cansada de permanecer na banheira enquanto esse azulejo azul da parede me corrói o esôfago. Bernardo não respondeu, mais porque não havia racionalmente o que responder do que por querer evitar alguma situação, e havia um ruído como que o de um enxame de abelha entre os dois na linha, então Bernardo disse, sabe, roteiros são muito mais fáceis, mas Ana não sabia, principalmente porque não gostava de filmes enquanto Bernardo era um entusiasta sem graça, desse tipo vazio e repetitivo que fala dos filmes daquela mesma maneira pedante que todos estão acostumados a ver, como mais ato de desespero narcísico. Olha, Ana, eu estou me sentindo culpado, sim, eu sei que está, seu filho da puta, você me meteu nessa merda, você disse aguentaria, mas você mentia pra si mesmo, porque você queria saber qual era a experiência de estar ali, você foi completamente egoísta o tempo inteiro enquanto reprimia esse sentimento, DIGA, VOCÊ GOSTA DAS MINHAS PERNAS? Ana, não, não interprete mal, não é esse o ponto, não é assim que foi, você foi muito importante pra mim, você esteve comigo o tempo todo e... a coisa simplesmente aconteceu, sabe, eu apenas quis ir embora, então por que não fez isso quando teve

oportunidade, seu bosta? Ana, desculpa, eu apenas senti que não era hora, sabe como é... desculpa, eu não quis te enganar, em momento algum, eu realmente gostava de você... Mentira, você tentava, mas nunca conseguiu demonstrar isso, nunca conseguiu se entregar plenamente, você nunca amou alguém, não, Ana, não é isto... eu me entreguei, é claro... Não, cara, alguém tão duro, tão cínico, nunca conseguiria se entregar, talvez você tenha tentado, mas à merda, não deu. Desligou. Ana saiu da banheira sem molhar os cabelos naquela tarde, e foi pra cozinha preparar um chá com mel, limão e pequenas rodela de gengibre. Era poeta, e sabia isso, sabia imprescindivelmente que não poderia se meter com roteiros. Os azulejos da parede da cozinha eram amarelados. Ana às vezes se via, bem na verdade, submergia em densos pensamentos e enxergava sua projeção sobre um deserto, um deserto como que emergido do desespero latino-americano, um ambiente áspero e corrosivo, um lugar esquecido e que cheirava a redenção, e ali também Ana enxergava a silhueta de Cohen ajoelhado escrevendo poemas sobre a pele dos pés de Jesus Cristo e escutava o ruído dos muros, muros que se erguiam sobre as regiões limítrofes, muros secos e venenosos para as trepadeiras, muros guarnecidos por soldados sorridentes e estrábicos, soldados ácidos que eram magros, altos, e que não compreendiam esta terra, não compreendiam seus mortos e seu chão. •



# Rafael Walter

detonar o poema com as teclas  
para que pulse vital a poesia  
no mistério distante da meta  
que dita no verso o arrepio

na paisagem sombria e absurda  
do sonho que vive desperto  
na cabeça do transeunte  
que ao atravessar a rua suspira

como se tudo desatasse  
deste momento em diante  
feito flor que desabrocha  
no fértil vazio da página-voz

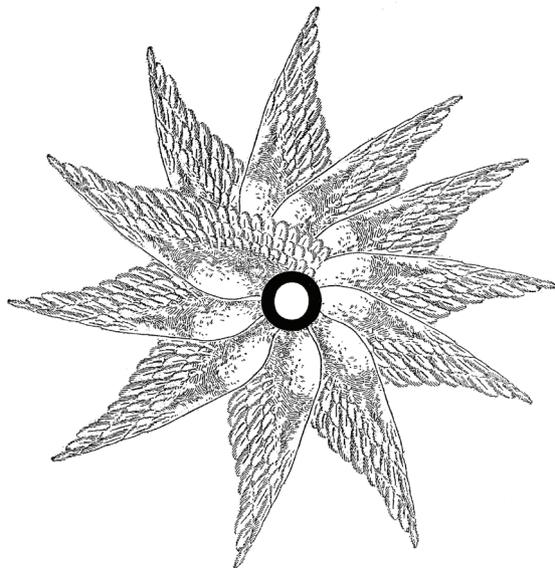
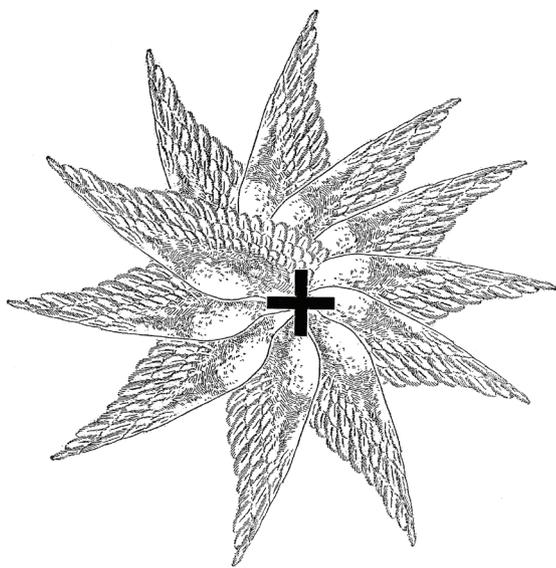
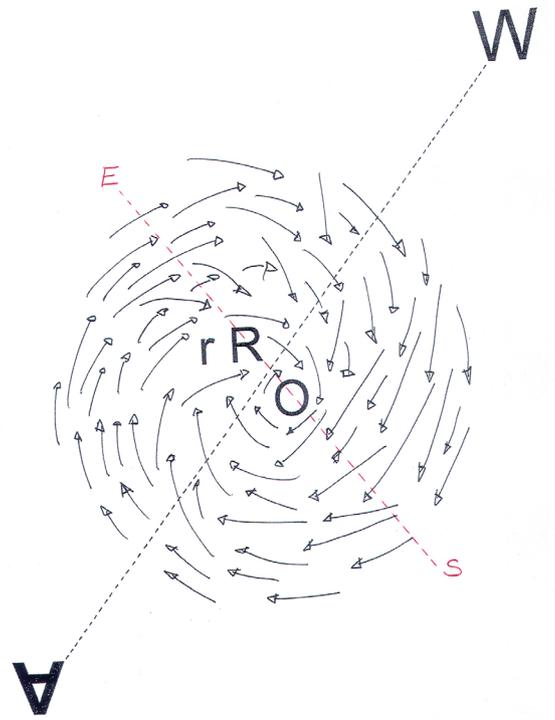
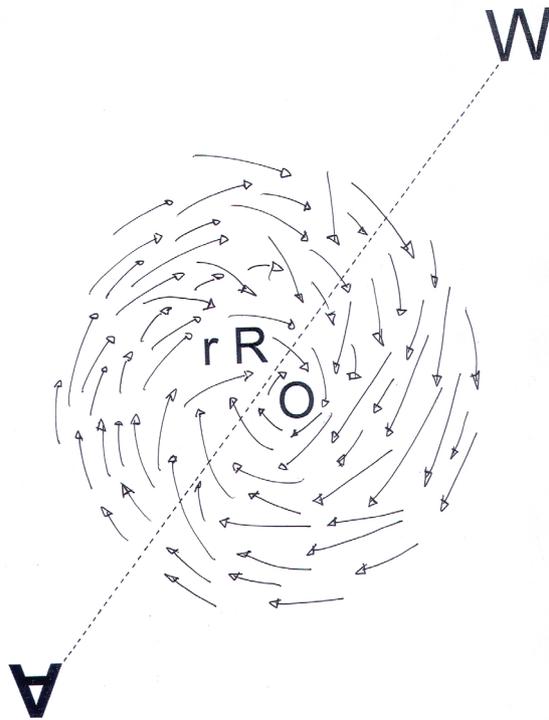
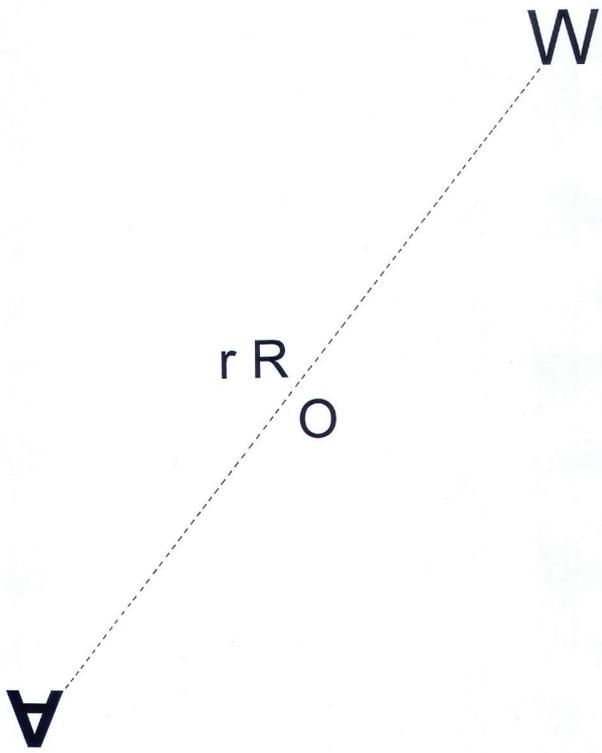
deste circo mambembe vida  
em única apresentação hoje  
do mísero frente ao universo  
instante-agora em nossas

veias e artérias degradadas  
pelo cruel sistema que dita  
o sinal vermelho, quando  
se quer seguir o rumo

da canção nunca antes assobiada  
pelos índios simulacros da praça  
este desejo de origem-raiz  
faz cavar mais fundo que a mera

superfície do visível e palpável  
e leva a arqueologia daquilo  
que duvidamos e resiste  
independente de bússola e horário

# Sérgio Monteiro de Almeida



**Á** LICÇÃO 19.  
38 **U** *Uma aza* **U** *Uma aza*  
*O sápo pula no bote* *O sápo pula no bote*  
38 **U** *Uma aza* **U** *Uma aza*  
LICÇÃO 19. **O**

EXERCÍCIO LOGOGRÁFICO EXERCÍCIO LOGOGRÁFICO

# Marco Aurélio de Souza

Nos fins de semana  
 Todas as famílias de Rio Negro se reúnem  
 Pra falar da vida alheia  
 Na casa de alguma avó.

Falam dos filhos  
 Que nascem sem pai  
 E dos chapados e drogados e perdidos  
 E dos vizinhos que foram presos em flagrante  
 Surpreendidos pela Ordem bem no meio de um delito  
 E das vagabundas e piranhas de minissaia em frente à boate central  
 Que engravidam precoces e saem de casa sem o consentimento dos pais  
 E falam dos pais que deixam seus filhos saírem de casa  
 Com minissaias e bagulhos e pistolas e ideias perigosas  
 E dos afeminados que se escondem num sótão poeirento e claustrofóbico  
 Espiando o mundo pela fresta apertada de uma janela doentia  
 Em casas de madeira caindo aos pedaços na rua de trás  
 Por conta da AIDS jamais confirmada e dos seus arroubos noturnos  
 E falam até dos padres que bebem e dançam e abusam da vida  
 E dos rapazes cabeludos e rebeldes  
 Que já não querem ir à missa  
 E tampouco se importam  
 Com a sagrada comunhão.

Ao fim do dia  
 Em rodas de chimarrão  
 Todas as famílias de Rio Negro  
 Queimam a língua.



# RIO

## FLAVIO GOMES

SÃO PAULO (*era ontem, mas não tem problema*) – Mãe, quando é que eu vou aprender a falar carioca?

Existem frases marcantes que dizemos na vida, e essa foi uma delas. Lembro até onde estava, no Aterro do Flamengo, primeiros dias de Rio, muito provavelmente no Fusca branco de minha mãe, que tinha aprendido a dirigir poucos anos antes para poder nos levar à escola no Campo Belo, Dona Chiquinha Rodrigues, onde fiz o primeiro ano.

Era um mundo bem novo e diferente, aquele. Do lado direito, a baía de Guanabara e o Pão de Açúcar. Do lado esquerdo, algo mais familiar: outros carros passando.

Claro que aos sete anos eu não sabia nem que a baía era de Guanabara, nem o que era uma baía, muito menos Guanabara. O Pão de Açúcar me parecia algo excepcional, duas montanhas com alguma coisa subindo e descendo, pendurada entre elas.

Mudamos para o Rio porque meu pai foi transferido para lá e tenho poucas memórias sobre o choque de sair de uma casinha geminada nas franjas de São Paulo, onde moramos um ano, para cair naquela cidade que tinha mar, algo igualmente desconhecido e impressionante.

Mas lembro de ter perguntado à minha mãe quando iria aprender a falar carioca porque achava muito bonito o jeito que as crianças falavam comigo na escola, e eu não conseguia falar igual.

O primeiro dia no Colégio Rio de Janeiro em Ipanema foi razoavelmente traumatizante. A rua, se bem me lembro, era estreita e as pessoas paravam seus carros em cima da calçada. Fomos os três para a escola, eu, o mais novo e o mais velho. Na entrada, recebemos as instruções para a hora de ir embora, que não eram fáceis. No crachá de cada criança tinha uma bolinha pintada. Quem levava a bolinha azul ia de perua escolar. Os de bolinha verde podiam sair sozinhos do colégio. Eram os mais velhos, quase adultos, ou moravam muito perto. Bolinha

vermelha, a nossa, proibia que se colocasse um pé na calçada — a mãe vinha buscar. E tinha a bolinha preta que, sinceramente, não lembro direito o que significava. Alunos proscritos, talvez, proibidos até de tomar lanche ou de olhar para fora do prédio.

Meu pavor durante toda aquela tarde foi com o mais novo. Ele tinha quatro anos, não iria entender nunca aquela história de bolinhas coloridas no crachá, iria se perder e nunca mais veríamos o moleque. Do alto da minha quase dezena de carnavais, tomei a decisão de, assim que tocasse o sinal, sair em disparada rumo à sua sala, que guardei mais ou menos onde era, para pegá-lo pela mão e levá-lo à fila das bolinhas vermelhas, caso contrário ele desapareceria para todo o sempre, engolido pelos seres que falavam de um jeito muito, mas muito diferente do meu.

Tive aula de inglês no primeiro dia. Yes, no, car, window. Não aprendi nada, estava apavorado demais diante da possibilidade iminente de perder um irmão, OK, eu tinha outro, mas era um irmão, e eu, como mais velho que ele, tinha a obrigação de colocá-lo na fila das bolinhas vermelhas para que esperássemos em segurança pelo conforto do Fusca branco de minha mãe.

Acabou a aula, saí correndo para a sala do caçula, mas me perdi nos corredores desconhecidos e hostis, desesperei-me, e quando me dei conta do tamanho da encrenca estava sozinho, eu, minha lancheira, minha mochilinha e meu crachá com a bolinha vermelha. Desatei num choro compulsivo até ser resgatado por alguém, que ao ver a bolinha vermelha no crachá me levou à fila correspondente, onde já estavam, felizes e animados esperando pela mãe, o mais velho e o mais novo, que nunca soube

dessa tentativa frustrada e desnecessária de resgate.

E foi assim um dos meus primeiros dias no Rio, mas no Rio a gente aprende tudo muito rápido, a fila das bolinhas nunca mais foi problema, mesmo quando por alguma razão a minha série foi transferida para a unidade da Gávea, cujo caminho, saindo de Copacabana, incluía o Corte do Cantagalo, a Lagoa, a AABB, o Flamengo, um supermercado que tinha o teto curvo e, finalmente, o Colégio Rio de Janeiro numa rua mais tranquila e arborizada, cujo pátio, lá no fundo, terminava em algo que creio fosse uma montanha.

Moramos três anos no Morro do Caracol, em Copacabana, onde joguei bola na rua de paralelepípedos, subi e desci a escadaria do cinema

Ricamar várias vezes para comprar Minister para meu pai, onde vi pela primeira vez uma criança fumando, o Serginho, onde comecei a jogar futebol de botão — eu mesmo comprava os enormes zagueiros de galalite e os dadinhos, porque carioca não joga

botão com bolinha de feltro —, e era só descer a escadaria, cruzar a Nossa Senhora de Copacabana, andar uma ou duas quadras e estávamos no calçadão, onde estrangeiros atiravam seus maços de cigarro no chão que eu colecionava, onde a areia não terminava nunca até chegar ao mar, onde se comia cachorro-quente Geneal com sua salsicha pálida, e onde se tomava mate e limão daquelas latas penduradas nos ombros dos homens na praia.

Foi no Rio que experimentei feijoada pela primeira vez, meu pai muito preciso nas explicações, aqui no Rio se come feijoada de quinta a domingo, em São Paulo é de quarta e sábado, dizia, enquanto viajávamos até São Conrado, talvez Barra, onde →

ficava um restaurante que tinha uma cumbuca de barro no luminoso; era programa solene comer aquela feijoada uma vez a cada dois ou três meses.

Foi no Rio que virei um esportista, fiz natação e judô na AABB, até quase morrer afogado ao tentar ir de uma margem à outra da piscina, tendo sido salvo pelo meu irmão mais velho, o que me fez desistir da carreira aquática. No judô, ao contrário, era um aluno aplicado e disciplinado, e quando terminava a aula, eu já

faixa amarela com dois graus de esparadrapo, enquanto a mãe não chegava, corria para a parte de trás do clube, que dava para a Cruzada de São Sebastião, ou perto dela, onde a gente ficava espiando os pivetes, cheios de medo e excitação.

No Rio decorei meu primeiro samba-enredo, falava da Portela, do Pixinguinha em seu altar, pizindim, pizindim, pizindim, comi lagosta com manteiga derretida no Alcazar, me interessei por livros ao ler “Sequestro em Parada de Lucas” de Orígenes Lessa, devorei coleções das Edições de Ouro, fiz peneira no Flamengo de camiseta e calção brancos, meias rubro-negras e chanca com seis cravos pregados, marquei um gol de carrinho em cruzamento do meu irmão mais velho, que tinha uma canhota razoável, mas a desatenção do treinador fez com que aquela tivesse sido minha primeira e última experiência na Gávea, azar do Flamengo.

Íamos ao Maracanã todo domingo, tínhamos carteirinha para entrar de graça, curioso que trocaram as fotos da minha e do meu irmão mais novo, um dia o mais velho se perdeu perto da Estátua do Belini, mas como era safo o encontramos rapidinho. No Maraca vi Fischer, Doval, Zico, Ferreti, Geraldo, que morreu e foi uma tristeza na cidade, Marinho Chagas, Cao, Andrada, Moisés, Alfinete, Zanata, Roberto Dinamite, vi o América ser campeão da Taça Guanabara com o barbudo Luisinho no comando do ataque, Flecha, Edu e Gilson Nunes, vi a Lusa ganhar do Vasco com gol do Xaxá numa quarta à noite, ganhei meu primeiro rádio de pilhas, que tinha um foninho que era chamado de egoísta, escutava “O Globo no Ar” todas as noites na cama,

até dormir, aprendi a ouvir Waldir Amaral, Jorge Cury, José Carlos Araújo, Mário Vianna, gol legal.

Meu Rio de Janeiro era uma cidade elétrica, parecia que tudo acontecia lá, uma vez roubaram a capanga do meu pai, que a deixou no banco da frente do carro com a janela aberta, acho que um Chevette, íamos à Sears comprar presentes de Natal, subíamos no Pão de Açúcar e no Corcovado o tempo todo, sempre que algum parente vinha nos visitar, de vez em quando

apareciam na praia umas Kombis com estepe na frente e placa de outro país, e viajávamos muito, Petrópolis, aquele museu que tinha de colocar pantufa, Teresópolis, Serra dos Órgãos, Dedo de Deus. E quando vínhamos a São Paulo, paradas obrigatórias para

tomar Ovomaltine gelado na estrada e para visitar o museu do Roberto Lee em Caçapava, quando saíamos à noite, meu pai abaixava o banco da Belina verde-maravilha cheia de decalques nos vidros e dormíamos os três na caminha montada no portamalas, madrugada adentro pela Dutra.

Meu Rio de Janeiro tinha a Praça Nossa Senhora da Paz em Ipanema, onde fiz a Primeira Comunhão vestindo calça lilás boca-de-sino e camiseta branca de manga comprida e gola olímpica, um calor desgraçado, mas tudo bem. O padre era moderno e ficou até famoso, não lembro seu nome. Era bom aluno, mas as professoras viviam perguntando à minha mãe por que eu tinha uns cacoetes esquisitos, piscar o olho e mexer a cabeça, eu dizia que era o cabelo muito longo que atrapalhava a vista, não tinha nada demais, estava tudo bem, mas não foram anos propriamente fáceis na escola, eu falava diferente dos outros e um dia esqueci o refresco em casa, a lancheira tinha só um sanduíche, e um moleque veio rir de mim no bebedouro dizendo que eu comia pão e água, enfiei a mão na cara dele e ganhei o respeito da escola, até o Otto, duas vezes meu tamanho e um quinto da inteligência, passou a falar comigo e pedir ajuda para fazer as provas, um dia até chorou, eu estudo, estudo, e não consigo aprender nada, fiquei com muita pena dele e lhe passei cola numa prova de matemática na quarta série, de raiz quadrada e porcentagem. Minha mãe

perguntou se eu tinha cacoete por causa disso, dos moleques que me perturbavam porque comia pão e água, neguei, foi só uma vez, não tem nada a ver com isso, e aí veio a Feira de Ciências, fiz uma salina usando uma caixa de isopor com divisões para encaixar alguma coisa, pinteí de azul o fundo desses nichos para obter um efeito cromático que lembrasse o mar, enchi de água e sal, espetei uma lâmpada por cima para fazer o papel de sol, se tudo desse certo o calor da lâmpada evaporaria a água e sobraria o sal, mas aquele negócio não funcionou direito, a água nunca evaporou, voltei para casa deprimido com a salina no colo e minha mãe perguntou se eu tinha cacoete por causa do fracasso da salina, e para encerrar o assunto disse que sim, era por causa do fracasso da salina, nunca mais faria salinas, até porque os trabalhos dos outros moleques eram bem melhores, as coisas se mexiam, tinham pilhas, piscavam, funcionavam perfeitamente, e minha salina era uma merda sem tamanho porque a água não evaporava com a lâmpada, e naquele ritmo o mundo iria acabar e minha salina não daria sal nenhum.

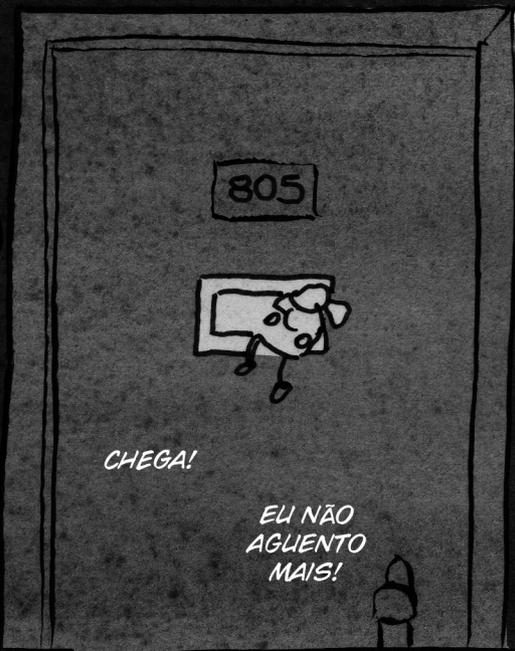
Os anos se passaram e superei o fiasco da salina, que concebi depois de uma viagem a Cabo Frio, viajávamos muito, já falei, e havia muitas salinas em Cabo Frio e o funcionamento, pela explicação de meu pai, parecia muito simples. Mas as coisas nunca são tão simples, aprendi com a salina da Feira de Ciências.

Passei três dos seus 450 anos aí, Rio, e no fim de 1974 meu pai foi transferido de novo e voltamos a São Paulo. Guardo com muito carinho cada lembrança desse tempo que volta e meia me vem à mente. Ainda hoje, quando vou ao Rio, reconheço lugares e cheiros, me comovo com pequenas coisas, tento não me sentir um peixe tão fora d'água quando sou quase sempre, em qualquer tempo e lugar.

Vivi três dos meus 50 anos no Rio de Janeiro, GB, guardei nomes de ruas, praças e avenidas, Barata Ribeiro, Cardeal Arcoverde, Bolívar, Atlântica, Siqueira Campos, Santa Clara, fui ao Sendas e à Casas da Banha, íamos ao Bob's e meu pai mostrava espantado os painéis fotográficos iluminados por trás com imagens de sanduíches, sorvetes e refrigerantes, olha a perfeição disso, ele dizia. Era tudo muito moderno e cintilante.

Só não aprendi a falar carioca, nisso aqueles três anos foram inúteis, mas aprendi a ser carioca, isso não saiu de mim, porque a gente sai do Rio, mas o Rio, de certa forma, não sai da gente. ●

# Liber Paz





# Obscenidade Digital

## RelevO – Obscenidade Digital: Uma parceria que vai dar o que escrever

*Equipe Obscenidade Digital*

O blog Obscenidade Digital nasceu meio assim, como muitos de nós, sem saber direito no que ia dar. Surgiu em uma mesa de bar, lá em 2009. O plano era pouco pretensioso: um lugar para dizer o que a gente queria dizer. Mas logo percebemos que isso tinha nome: literatura. E se Deus, quando criou a literatura, viu que isso era bom, a gente, quando começou a fazer, viu que isso era massa. Assim, letra a tecla, dor a flor, o Obscenidade Digital se tornou um espaço para que autores pudessem desenvolver as próprias vozes, e para que leitores pudessem descobrir algo com elas.

As dificuldades não foram poucas. Como se fazer ouvido em um mundo em que tantos gritam? Em um meio onde tantos brigam por atenção? Seriam necessários gritos ainda mais fortes? Ou sussurros poderosos? Não temos todas as respostas. Contudo, a literatura sempre foi mais sobre perguntas do que sobre respostas.

Por isso, hoje, estamos muito felizes em anunciar que temos um novo abrigo para acolher nossas indagações e alimentar o nosso desassossego. Mais do que um espaço, aqui no **RelevO** encontramos uma grande parceria. E nesta relação simbiótica com tamanha sintonia, há também um terceiro beneficiado: você, leitor. Agora, a cada edição mensal do **RelevO**, teremos um novo texto da equipe do Obscenidade Digital, começando no mês que vem com o Gabriel Protski.

Será um novo esforço de dois projetos com a mesma crença: precisamos dar voz às pessoas, e contar histórias é o melhor meio para isso. E como toda história que começa a ser contada, a gente não sabe direito no que vai dar, mas a gente sabe que vai ser bom, e que vai ser massa. Aguarde.

PS: Você tem vontade de publicar um texto no [www.obsценidadedigital.com](http://www.obsценidadedigital.com)? Ou, quem sabe, fazer uma ilustração/foto sobre nossos textos? Agora, aos sábados, publicamos textos de autores convidados. Fale com a gente pelo [falecom@obsценidadedigital.com](mailto:falecom@obsценidadedigital.com). Também dá pra você escrever para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com) e dar um feedback bacana.

Daniel Zanella

# Cenas Urbanas

## Depois de um tempo

Passei o dia pensando num poema de e.e.cummings chamado “eu levo seu coração comigo”. É um e.e.cummings mais derramado, em um dos textos de amor mais sentimentais da história literária; estou assim hoje.

*eu levo o seu coração comigo (eu o levo no  
meu coração) eu nunca estou sem ele (a qualquer lugar  
que eu vá, meu bem, e o que quer que seja feito  
por mim somente é o que você faria, minha querida)  
tenho medo*

Te separei um trecho porque tenho um pequeno segredo:

Quando você disse que eu sumia.

Quando você disse que estava triste.

Quando você disse que chorou o dia inteiro.

Eu fiquei com vontade de dizer que eu levo o seu coração comigo.

[Mas, você bem sabe, tenho dificuldades para escolher as palavras e às vezes acho que e.e.cummings promete demais.]

Também passei o dia ouvindo Bastille.

\*

Escrever sobre amor é a forma mais complicada de justificar os tresvarios, pois o amor é no tempo o que o tigre é no espaço. (Quem estou roubando ao pensar isso?)

A minha casa sempre teve estranhas povoações, sei disso.

*How am I gonna be an optimist about this? •*

## Escrever para morrer

O que se pode dizer de alguém que faz e publica artesanalmente em tiragens de dezena e meia mais de 300 livros de poesia e só para porque morre?

Esse autor de mais de 300 títulos é Sérgio Rubens Sossélla, que nasceu em Curitiba em 27/2/1942 e morreu em 18/11/2003 em Paranavaí, cidade que escolheu para viver e encerrar a profissão de juiz depois de ter trabalhado em duas outras pequenas cidades. Aveso à hipocrisia e convenções do meio jurídico e até mesmo a uma vida social ou literária, não se interessou em fazer carreira e voltar à capital, preferindo ser escritor e construir uma grande biblioteca, anexa à sua casa, para onde ia e passava o dia todo lendo e escrevendo, meses sem sair desse ambiente.

Os livros que escrevia e imprimia nos primeiros anos numa tipografia, depois no próprio computador, eram concebidos artesanalmente do conteúdo à capa e depois feitos com cerca de 15 exemplares, marca dos últimos anos de vida, para serem enviados a alguns poucos amigos. Com isso, considerava-os publicados, segundo um uso comum no mundo jurídico, “tornar público”.

Além dos 300 títulos, deixou inúmeros outros projetos em andamento, espalhados por várias de suas escrivatinhas posicionadas em cantos diversos da biblioteca, ou em arquivos com pastas e fichas em que ia anotando idéias, observações, traços de leituras feitas, títulos para novos livros, que adormecem na Av. Martin Luther King.

Sossélla admirava vidas exemplares, engrandecidas em sua tragicidade, tal como era a de Van Gogh, que, mais do que pintou quadros sem tê-los vendido, viveu-os. Um ótimo exemplo disso é o poema “chorei muito van gogh/ e choro sempre ao lembrar/ o exemplo de sua vida/ a dignidade de sua morte/ heróicas” que, para Sossélla, assinalaria um valor fundamental para o verdadeiro escritor ou artista, aquele de entregar-se à sua atividade de forma vital, que ele simbolicamente repetiu quando decidiu se fixar e viver em Paranavaí.

Com essa decisão de isolar-se para escrever, é possível dizer que Sossélla buscava aquilo que foi evidente em outro escritor paradigmático, Kafka, que disse: “Não me afasto dos homens para viver em paz, mas para poder morrer em paz”. Não se trata de um mero gesto teatral ou de uma preparação para um “suicídio” premeditado, e sim de uma clareza filosófica, estética, de que o distanciamento se impõe pela necessidade da escrita, pela necessidade de entregar-se a uma experiência vital de pesquisa estética que tem a morte como referencial maior porque ela é o extremo, o encontro com a indeterminação, que é o que potencializa a arte.

“O escritor é então aquele que escreve para morrer e é aquele que recebe o seu poder de escrever de uma relação antecipada com a morte”, nos diz Blanchot sobre Kafka, ressaltando que “a própria obra é uma experiência da morte da qual parece ser imprescindível dispor previamente a fim de se chegar à obra e, pela obra, à morte”. •

Daniel Osiecki **Terra Incógnita**

## “Alvéolos de Petit Pavê”: hibridismo poético urbano

A poesia brasileira contemporânea está cada vez mais heterogênea. Dificilmente vemos, na chamada pós-modernidade, tendências padronizadas seguidas como nas correntes estéticas nos séculos 19 e 20. O fazer poético tornou-se um *modus operandi* mais híbrido, por um lado, e mais livre de amarras de outro, pois boa parte dos poetas contemporâneos não são adeptos de formas fixas, rimas, número exato de sílabas, ao passo que se veem imersos em meios cada vez mais hostis, urbanos, soturnos e *noir*, o que torna o eu-lírico uma espécie de subconsciente metafísico emparedado em si mesmo.

Curitiba é muito propícia a esse emparedamento metafísico simbólico com suas ruas estreitas e escuras, seus vultos, espectros e vampiros da província que se pretende cosmopolita, o que acaba por refletir na literatura produzida aqui; como Dalton com seu arquétipo de cidade, Tezza com sua Curitiba pequeno-burguesa, minúscula e mesquinha, ou Leminski e suas provocações pulp/pop na careta capital dos anos 70 e 80.

Atualmente assimilada e plural, muitos poetas vêm buscando um lugar (não ao sol, pois curitibano dificilmente assume que gosta da luz do dia) à sombra. Há em Curitiba, por exemplo, o projeto literário Vox Urbe, às terças-feiras no porão (o que mais curitibano que encontros literários em um porão?) do Bar WNK, no bairro boêmio São Francisco. O curador do projeto é o poeta e agitador cultural Ricardo Pozzo, que lançou no Vox Urbe no começo de março “Alvéolos de Petit Pavê” (Patuá, 76 p.)

Pozzo nasceu em Buenos Aires, mas cedo se mudou para Curitiba, onde vive até hoje. É uma figura, muito conhecido, no meio literário local. Muita gente nova foi lançada no Vox Urbe e também foram trazidas figuras conhecidas como Fausto Fawcett, Cezar Tridapalli, José Inácio Vieira de Melo, entre outros. A publicação de um livro seu era questão de tempo, mesmo porque Pozzo já vinha fazendo uma espécie de test drive poético publicando em redes sociais e revistas (como a Flaubert).

“Alvéolos de Petit Pavê” é uma obra híbrida que em alguns momentos chega a ser difícil de ser lida. Há um uso um tanto exagerado da sinestesia, de sugestões ao estilo de Baudelaire e alguns poemas soam verborrágicos demais. Não há dúvida quanto ao domínio da técnica poética, que mesmo soando um tanto experimental em excesso em alguns momentos, o livro tem mais acertos do que erros. Há alguns erros na diagramação da obra, assim como o valor cobrado pelo livro na noite do lançamento – R\$35 por um livro de 76 páginas – é um tanto salgado.

Merece destaque o ótimo ‘Sagrado coração humano’, que funciona como um grito ontológico ante a barbárie e a indiferença de uma classe média reacionária que se aliena diante da televisão:

*(...) com um tiro na cabeça,  
No banco de trás  
do carro dos pais,  
encontrada dentro da mala  
na rodoferroviária da  
Capital das Araucárias.*

*Sob olhos de bilhões  
de caros  
Telespectadores,  
Que não fazem nada. (p. 50)*

Também merece destaque ‘Cordel Simbionês’, poema composto como uma espécie de lamento (ou grito, ou urro) em um ritmo frenético de versos que vão se complementando. O poeta vocifera contra a ignorância e alienação de uma classe que, de repente, torna-se perplexa. Há o belo ‘Yaware’té’, composto por quatro partes, já no final do livro, que critica a desumanização do homem na contemporaneidade. Há aqui a ideia rousseauiana de que é o meio que proporciona a “desumanização” do homem.

*Na cidade, a  
Onça desonçada,*

*Desnutrida,  
Desbotada,  
Jogada em cárcere de concreto  
Investe contra seu pálido reflexo. (p. 72)*

Como um todo, “Alvéolos de Petit Pavê” é um livro instigante, mesmo discordando do autor na escolha de um título ou outro, de um termo ou outro, em um exagero ou em uma carência. Ele prova a atemporalidade da máxima de Rimbaud, de que ninguém é sério aos dezessete anos. ●

## *moldagem*

tão cedo eu me acordo com aurora no quarto  
eu cerro meus olhos preciso é dormir  
lá longe se escuta o canto de um pássaro  
adeus meu sossego tem verso na agulha

tal como a bigorna que bate que surra  
que insiste em dar forma às barras de ferro  
assim faz a mente com meu sentimento  
até que ele tenha compasso de música

vem dia vem noite vem sol e vem chuva  
a lua se esconde por trás de uma nuvem  
porém meu poeta lhe sai à procura

vasculha os escuros o espaço o infinito  
arreda as estrelas recolhe a neblina  
faz tudo o que pode – sua lua o sepulta



## Líria Porto

### *sus\_peitos*

na versão de adão  
a cobra comeu

na versão de eva  
o que lhe entrava entre as pernas  
era peçonha de homem

na versão da cobra  
veneno é bom  
e eva gosta

na invenção  
tudo é maçã